

Jornal da Ciência

(<http://www.jornaldaciencia.org.br>)

SÁBADO, 16 DE AGOSTO DE 2014

Publicação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência



JCNotícias

(<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br>)

Início (<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br>) / Edições

(<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/category/edicoes/>) / 3118

(<http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/category/edicoes/3118/>) / Museu vivo da mandioca

segunda-feira, 9 de outubro de 2006

Museu vivo da mandioca



As espécies silvestres de mandioca nativas do Brasil possuem genes capazes de transformar o tubérculo numa planta mais protéica, resistente a pragas e a bacterioses, tolerante a seca e com alta produtividade.

Apesar de tantas vantagens, 17 espécies delas estão à beira de extinção no seu habitat natural, o Cerrado brasileiro, e pelo menos três já foram extintas.

Foi o que observou o agrônomo egípcio e professor da Universidade de Brasília (UnB), Nagib Nassar. Há 30 anos o especialista, referência mundial no assunto, visita as áreas que concentram grande parte dessas plantas nas regiões de Corumbá de Goiás, Chapada dos Veadeiros e Goiás.

Em suas andanças pelo campo, ele notou o sumiço das espécies *Manihot pilosa*, *M. oligantha* e *M. neusana* – todas com grande potencial genético. O resultado foi publicado em agosto de 2006 na revista científica *Genetic Resources and Crop Evolution*, editada em Amsterdã, Holanda.

“Elas não são mais encontradas na natureza, mas foram preservadas na Estação Biológica da UnB”, comemora Nassar. Ele criou no local a única coleção viva de mandioca do mundo.

São 20 espécies silvestres diferentes que geraram, cada uma, cerca de 50 plantas. O cruzamento das mandiocas silvestres em extinção com tipos comuns do tubérculo possibilitou a geração de 12 híbridos com as propriedades especiais já citadas.

Apenas uma das mandiocas híbridas, a que tem duas vezes mais proteínas que a comum, chamada ICB 300, se fosse comercializada, seria suficiente para deixar o professor milionário. Mas essa nunca foi sua intenção.

“Essa pesquisa é feita com dinheiro público, por isso ela pertence a todos os brasileiros”, diz o professor.

Parceria – Para beneficiar a população com o estudo, Nassar firmou uma parceria com o Ministério de Meio Ambiente (MMA) no segundo semestre de 2005.

Por meio do projeto, estacas e mudas de mandioca com alto teor protéico são distribuídos a pequenos agricultores do Distrito Federal e para assentamentos de sem-terra.

Outra instituição que sempre apoiou Nassar através vários projetos é o CNPq, que contribui na manutenção da coleção viva na UnB. “Sem apoio desse órgão, minhas plantas não existiriam e não cresceriam bem”, disse o professor.

As mandiocas híbridas também já atravessaram o Atlântico e foram parar na Oeste da África.

Por meio de um acordo com o Instituto Internacional de Agricultura Tropical (IITA) da Nigéria, este país recebeu alguns híbridos originados na própria UnB na década de 1980.

Hoje, as variedades desenvolvidas a partir dessas espécies cobrem uma área de mais de 4 milhões de hectares, o que levou a Nigéria a se tornar o maior produtor mundial do tubérculo. (UnB Agência)



Copyright © 2014 Jornal da Ciência
Todos os direitos reservados

 

(<http://www.rpm.com.br>)